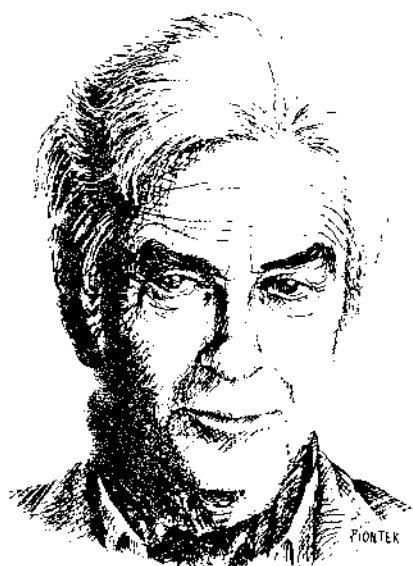


O NOVO ESPÍRITO AN-  
TROPOLÓGICO OU A  
IMPORTÂNCIA DO  
MITO



1. GILBERT DURAND — UMA PERSONALIDADE DA CULTURA CONTEMPORÂNEA.

Gilbert Durand (1) esteve em Lisboa durante o passado mês de Fevereiro. Personalidade muito conhecida nos meios culturais europeus, a sua obra tem estado particularmente em foco a partir dos anos 70, com mais intensidade a partir de meados da década. Surgindo como uma "nova" via de abordagem do Homem, a sua influência faz-se sentir não só no domínio da sociologia e da antropologia como no da literatura, da psicologia, da história, do urbanismo, da filosofia, etc. Esta visita de G. Durand — um universitário que soube manter o equilíbrio existencial com a natureza e que, apesar da tecnologia envolvente e das solicitações oficiais, tem ainda tempo para fruir os prazeres naturais da sua Sabôia natal, onde continua radicado — pode significar o início acentuado de uma viragem importante em certas investigações universitárias portuguesas até ao momento demasiado ligadas a princípios formais de abordagem da temática cultural humana (com as naturais consequências a todos os níveis).

Conhecido e já divulgado em Portugal anteriormente — sobretudo através dessa extraordinária obra que é *Les Structures Anthropologiques de L'Imaginaire* (2), "livro de cabeceira" de quem quer que se interesse pela visão simbólica do mundo, e, mais recentemente, pe-

la publicação da tradução de *L'Imagination Symbolique* (3) — Gilbert Durand trouxe a Lisboa uma actualização necessária, actualização que passa por um maior conhecimento de *Science de l'Homme et Tradition* (é imperdoável o desconhecimento de "Hermetica ratio et science de l'homme") (4) —, pela divulgação de *Figures Mythiques et Visages de l'oeuvre* — uma obra fundamental, pelo menos tão importante como *Les Structures Anthropologiques*, a exigir uma rápida, mas correcta tradução — e pela leitura de *L'Âme Figrée*, a mais recente publicação.

No percurso cultural de G. Durand, Lisboa segue-se, a alguma distância, a Córdova, e depois dos Colóquios de Córdova as relações entre "ciências exactas" e "ciências do homem" têm de se equacionar de um modo diverso. Cientistas e humanistas dialogaram e compreenderam-se, falaram uma linguagem semelhante. Foi, como disse G. Durand na sua primeira conferência na Universidade Nova de Lisboa, uma reconciliação. Uma ressurgência dos métodos simbólicos e das filosofias que gravitam em torno do símbolo — logo, do mito — levaram a uma alteração de perspectiva epistemológica na aproximação, no caminho que conduz a uma verdade. Foi o físico Bernard d'Espagnat que disse: "o mito de Prometeu, o mito do paraíso terrestre, e o modelo planetário do átomo são semelhantes".

No movimento cultural contemporâneo, G. Durand não aparece por acaso nem está só. Refira-se, em primeiro lugar, a relação com Gaston Bachelard, seu mestre e amigo, "um filósofo das ciências que, de repente, descobriu a eficácia poética" (5). Henry Corbin e Mircea Eliade são dois outros nomes que imediatamente ocorrem como importantes fundamentações. Papel de relevo é também o de Georges Dumézil, "que foi o primeiro a dizer que a história não era história, mas que escondia algo que, no fundo, não era senão uma superestrutura do mítico e que a história se fazia segundo esquemas míticos" (6). À psicanálise se deve o acentuar do papel que a imagem desempenha como realidade eficaz. Freud e, sobretudo, Jung e Kerényi são nomes a terem-se presentes ao referir-se a fundamentação do pensamento durandiano.

Hoje, todo um elevado número de estudiosos e discípulos prosseguem, actualizam, aplicam, dispersam, confirmam as afirmações de G. Durand. *La Galaxie de l'Imaginaire*, que tem como subtítulo *Dérive au tour de l'oeuvre de Gilbert Durand* (7), é uma obra que reúne, sob a

direcção de Michel Maffesoli, a colaboração de apenas alguns dos muitos investigadores que, passando por Grenoble, pelo C.R.I. ou pelo magistério directo e amizade de G. Durand, devem algo ao mestre de Chambéry: F. Pelletier, P. Tacussel, J. J. Wunemburger, J. P. Sironneau, F. Bonnardel, G. Aigrisse, L. Apostel, G. Pascal, J. Perrin, S. Viernne, M. Eliade, J. Hillman, A. Faivre, F. Leperlier, J. Starobinski, M. Cazenave e R. Thom.

A importância e a repercussão do pensamento e da obra de Gilbert Durand, a recente passagem por Lisboa e o êxito indiscutível que constituíram as conferências, realizadas na Universidade Nova, no Instituto Francês e na Faculdade de Letras (8), são, parece-nos, motivos suficientes para se justificarem estas notas. Acrescente-se que, a nosso ver, a aplicação de uma metodologia de base durandiana pode renovar e enriquecer as perspectivas culturais e literárias da Antiguidade e de Portugal. Este o nosso principal interesse na divulgação.

## 2. AS ESTRUTURAS ANTROPOLÓGICAS DO IMAGINÁRIO.

Não é intenção deste artigo fazer uma apresentação de todo o pensamento de Gilbert Durand; de facto, a uma revista como *Clássica* é, parece-nos, a problemática relacionada com a abordagem da obra de arte, em particular do texto literário, e, especialmente, do mito — essa realidade tão complexa e tão importante na cultura — aquela que mais interessa. Embora de uma forma muito breve, não podemos, porém, prescindir de referir alguns outros aspectos fundadores.

Os constantes e enormes progressos da técnica de informação visual (fotografia, composição fotográfica, cinema, televisão, etc.) e, por outro lado, as descobertas suscitadas pela psicanálise levaram àquilo que se pode designar por o "triumfo da imagem". No nosso quotidiano, a imagem ocupa um lugar de relevo, imagem que é transmitida quer pelos *mass media* quer pelos instrumentos do trabalho científico. Este deslocamento tecnológico e civilizacional dos próprios fundamentos da informação exige uma abordagem renovada que disciplinas universitárias tradicionais não satisfazem, já que se fundamentam num sistema que se debruça sobre conceitos e não sobre a imagem.

O estudo do Imaginário surge, necessariamente, numa forma pluridisciplinar, numa confluência de interesses. A pesquisa do Imaginário visa uma compreensão das últimas estruturas do comportamento humano. Esta compreensão surge como cada vez mais necessária perante o conhecimento científico da natureza que o homem adquiriu e pelo enorme poder técnico que dele deriva. A pesquisa do Imaginário, porque encara o Homem para além das classificações etnocêntricas e epistemocêntricas fatalmente redutivas, no que há de mais fundamental e ao mesmo tempo de mais concreto — numa palavra, na sua natureza —, e porque desagua em "terapêutica", ou pelo menos em pedagogias que ultrapassam as rotinas necessárias da pesquisa antropológica, convém a um humanismo à escala deste final do século XX. O Imaginário — isto é, "o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital do pensamento do *homo sapiens*" (9) — aparece-nos como o grande denominador fundamental em que se agrupam todos os procedimentos do pensamento humano.

Segundo G. Durand, as três grandes linhas dinâmicas que orientam a multidão das imagens humanas são os três reflexos fundamentais: o postural, o digestivo e o rítmico. Estes reflexos dominantes são integrados em dois, de facto três, grandes regimes, divisões básicas analíticas das *Structures Anthropologiques*. Por uma espécie de dialética a imagem humana parece colocar-se, pouco a pouco, em diferentes regimes — agrupamentos mais gerais de estruturas vizinhas (10) —, deslizar do regime diurno, que é o da gesta épica e que simboliza a espada, para o regime nocturno, que é o regime místico, que simboliza o corte e todos os símbolos da intimidade (11). "O 'Regime Diurno' diz respeito à dominante postural, à tecnologia das armas, à sociologia do soberano mago e guerreiro, aos rituais de elevação e de purificação; o 'Regime Nocturno' subdivide-se em dominantes digestiva e cíclica, a primeira reunindo as técnicas do recipiente e do habitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e da alimentação, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola como da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do regresso, os mitos e os dramas astrobiológicos (12).

Estes reflexos e regimes manifestam-se em estruturas gerais, mais ou menos comuns a indivíduos da mesma época e da mesma cultura.

Aos símbolos do regime diurno correspondem estruturas *esquizomorfas*, de contrastes acentuados (que, em casos extremos levariam ao estado patológico do autismo e da esquizofrenia) (13); as estruturas de insistência e de intimidade (as estruturas *místicas*) (14), por um lado, e as estruturas da harmonização dos contrários, *coincidentia oppositorum*, (estruturas *sintéticas*) (15), por outro, correspondem ao regime nocturno.

As estruturas — pouco estruturalistas no sentido que Lévi — Strauss dá a esse termo, visto que G. Durand prefere uma definição de estrutura próxima de S. Lupasco: "uma forma transformável, desempenhando o papel do protocolo motivador para todo um grupo de imagens, e susceptível ela própria de agrupamento numa estrutura mais geral, a que chamamos regime" (16) — propõem-nos uma exploração dos espaços imaginários humanos. O fantástico não se limita a ser um sistema fisiológico ou uma consequência de estruturas sociais: o fantástico reconduz ao fantástico, o "eufemismo fantástico" surge como algo de fundamental do fenómeno humano. "Este fenómeno humano não deve ser alienado por tal ou tal ciência — mesmo humana — especializada numa verdade limitada, mas ser esclarecido pelas convergências de toda a antropologia, visto que ele é experimentado, cada vez que se manifesta" (17).

Ao fazer uma descrição antropológica dos conteúdos da imaginação, G. Durand aponta também para a totalidade do trajecto antropológico. Manifestando-se o Imaginário segundo regras e configurações precisas, podemos, agora, falar em "estruturalismo figurativo", um estruturalismo não exclusivamente formalista que se debruça sobre conteúdos afectivo-representativos.

Estes princípios gerais do pensamento de G. Durand que procuramos, de uma forma muito breve e incompleta, apresentar são desenvolvidos e actualizados ao longo da produção científica. O percurso cultural de G. Durand é longo, embora rápido. Publicada em 1960, *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire* (o seu subtítulo é *L'archétypologie générale*, isto é, procura dos invariantes do percurso antropológico) é uma obra que, sem estar desactualizada (e muito menos errada) se distancia naturalmente das publicações mais recentes. Obra fundamental, referente constante, não deve, todavia, ser encarar

da como exclusiva demonstração de um pensamento, que fundamenta. Passemos a palavra a Françoise Bonardel:

Qu'était le *Décor mythique de la Chartreuse de Parme*, sinon le repérage d'un « espace mythique » où le roman stendhalien trouvait sa pleine et véritable signification? Que fut *L'imagination symbolique*, sinon un renversement épistémologique par lequel l'Occident « iconoclaste », castré de son propre imaginaire, était invité à explorer à nouveau ce que Henri Corbin nommera pour sa part le « *Mundus imaginatis* », lieu des révélations théophaniques et seul lien possible entre le sensible et l'intelligible, seul espace médiateur capable de combler la déchirure dont souffre l'homme occidental depuis le XIII<sup>e</sup> siècle? (---) Enfin l'espace scénique se retrecit en apparence pour se creuser

en profondeur, lorsque le rideau se lève sur le héros du drame, cet Adam primordial dont on pressentait la venue depuis longtemps déjà, et dont *Science de l'homme et tradition*, en des pages courageuses et subversives, se fit le défenseur et le chantre. Emerge alors petit à petit à travers des incarnations successives qui sont sans doute aussi des avatars, le visage de cet « Homme de désir », dont chacun de nous oublie trop souvent l'existence en lui-même au profit de l'exploration de sa trop partielle libido, et dont les *Figures mythiques et visages de l'œuvre* nous découvrent la complexité, c'est-à-dire à la fois l'unicité et l'universalité.

(18)

### 3. A PRESENÇA DO MITO

"O mito está na ordem do dia. E, o que é mais importante, a partir do início do século, é que os mitos foram introduzidos progressivamente pelas técnicas científicas novas: psicologia das profundezas, etnologia generalizada, com Griaule e Lévi-Strauss, e a "Nouvelle Critique". Todos reintroduziram uma opção nova pelo mito. Este ambiente favorável ao regresso do mito já existia, não somente nos *mass media* mas também no contexto social da nossa sociedade tecnológica e industrial".

Estas palavras de G. Durand, na já referida entrevista ao *Diário de Notícias*, podem, numa primeira reacção, espantar qualquer leitor menos atento à sociedade envolvente. Apesar de altamente tecnológica e industrial, apesar de anteriores crises iconoclasticas e mitofágicas, a sociedade actual assiste a uma reintegração do mito, consequência da necessidade que o homem tem de encontrar uma resposta mítica às suas interrogações (elas próprias formuladas em termos míticos).

cos). A nossa sociedade ocidental, tal como a sociedade grega arcaica ou a Dieri (Austrália) ou a Bosquímana (África) ou a Zuni (Novo México), é essencialmente mítica. "Por isso é que podemos falar realmente no regresso do mito, transmitido pela técnica audio-visual, pela imprensa, por um esforço nas ciências do homem e, igualmente, pela realidade política e social, notando-se, todavia, que a religião não desempenha o papel equilibrador do próprio mito como o fizera no passado" (19).

A recusa das instituições actuautes — principalmente as religiosas mas também as políticas — em fornecer mitos, em reinvestirem no mito, está na origem desse regresso aos mitos antigos. Freud e Jung (e os seus seguidores) tal como Lévi-Strauss e Mircea Eliade constataram-no. Mas a reintrodução dos mitos só foi possível graças a um contexto favorável. As estrelas da canção ou do cinema, os futebolistas ou os políticos não conseguem com a sua imagem "mitológica" ir além da imitação mítica, isto é, são um "Ersatz", um arranjo substituído, num contexto cronológico determinado, de elementos míticos antigos. *Superman* recria o mito do herói com todos os seus ingredientes de emoção, predestinação e actividade sobre-humana.

Definido como "uma narrativa (discurso mítico) que põe em cena personagens, cenários, objectos simbolicamente valorizantes, segmentável em sequências ou mais pequenas unidades semânticas (mitemas), na qual se investiu obrigatoriamente uma crença (contrariamente à fábula e ao conto) denominada "pregnância simbólica" (20), o mito surge como o módulo da história. O pensamento humano move-se dentro de quadros míticos e, inconscientemente ou não, eles estão presentes nas manifestações do Imaginário. Na realidade existencial das culturas e da vida dos homens, é o mito que distribui o papel da história, a alma de uma época, de um século, de uma idade de vida.

Invertendo, assim, a relação sociedade-história-mito, G. Durand abalou os fundamentos teóricos das "ciências humanas". Aliás, sob o seu ponto de vista, não se podem separar as ciências: "As ciências do homem, prefiro dizer "a ciência do homem". Creio que a medicina, a psicologia, a sociologia, a história, os estudos de cultura antiga ou moderna são coerentes, embora se possam separar segundo métodos de aproximação diferentes. De facto, o historiador não tem a mesma meto-

dologia que o psicólogo, mas o objecto, o assunto, é o Homem." (21)

Prometeu, Dioniso, Hermes — mitos referentes da sociedade moderna, situações dinâmicas para as actividades humanas significativas, esquemas simbólicos colectivamente aceites e repetidos, subjacentes, a nível individual e colectivo, na sociedade contemporânea. Os "mitos referentes" estão patentes na literatura, nas artes plásticas, na música, na política... Num contexto não só é possível fazer história, classificá-lo numa ideologia, mas, a nível mais profundo, também é possível, num texto e na obra de um autor, encontrar estruturas mitológicas comparáveis aos mitos antigos greco-latinos, eles próprios semelhantes aos mitos africanos, mexicanos, chineses. A isso é que eu chamo mitocrítica e ela terá mais interesse para os professores de literatura, literatos clássicos ou modernos e estudiosos da literatura comparada. O campo da mitanálise é, todavia, mais vasto e interessa mais aos historiadores e sociólogos uma vez que tem a função de pôr em evidência não somente o texto mas também o contexto do comportamento e da escolha estética, da escolha ideológica, e os grandes mitos, que numa determinada época são mais ou menos determinantes" (22).

#### 4. MITOCRÍTICA (23)

Com o termo mitocrítica — forjado nos anos 70 sobre o modelo de psicocrítica, palavra criada, em 1949, por Charles Mauron — Gilbert Durand pretende significar o "emprego de um método de crítica literária ou artística que focaliza o processo compreensivo sobre a narrativa mítica inerente, como *Wesenschau*, ao significado de toda a narrativa" (24). É intenção expressa de G. Durand que esta mitocrítica seja uma síntese construtiva entre as diversas críticas literárias e artísticas, antigas e modernas, que se têm defrontado esterilmente. As diferentes posições críticas podem ser reunidas numa espécie de "triédro" constituído por:

a) antigas críticas, desde o positivismo de Taine ao marxismo de Lukacs (a explicação assenta "na raça, no meio e no momento");

b) crítica psicológica e psicanalítica (Ch. Baudouin, A.



Allendy, Ch. Mauron...), que quase reduz a explicação a biografia mais ou menos aparente do autor;

c) as "novas críticas", que procuram a explicação no próprio texto, no jogo mais ou menos formal do escrito e das suas estruturas (Jakobson, Greimas...).

Não deixando de ter em conta os progressos de cada face do triedro da explicação crítica, a mitocrítica quer concentrá-las de um modo "centrípeto" sobre estas unidades simbólicas coordenadas na narrativa simbólica ou "mito", que constitui os seus níveis de profundidade. "Estrutura, história ou meio socio-histórico, são dissociáveis e consolidam o conjunto compreensivo ou significativo da obra de arte e particularmente da narrativa literária" (25). Cada sequência lida constitui um mitema. Os mitemas, como viu Lévi-Strauss, são em número limitado e articulam-se segundo certos grandes mitos que apresentam uma certa constância numa época e numa cultura determinadas, ou pelo menos durante uma geração cultural. A mitocrítica vai procurar o próprio ser da obra na confrontação do universo mítico que forma o gosto ou a compreensão do leitor com o universo mítico que emerge da leitura de tal obra determinada. "É nesta confluência entre o que se lê e aquele que lê que se situa o centro de gravidade deste método que se quer respeitador de todos os contributos das diferentes críticas que delimitaram o "triedro" do saber crítico" (26).

Passando agora à apresentação metodológica, a abordagem da obra pode fazer-se em três tempos que decompõem os estratos míticos:

a) em primeiro lugar, por um levantamento dos temas, vi dê motivos redundantes, mesmo obsidiantes, que constituem as sincroni ci da des míticas da obra;

b) em seguida, por um exame segundo o mesmo espírito das situações e das combinatórias da situação das personagens e dos cenários (*décor*s);

c) finalmente, pela utilização de um tipo de tratamento "à americana", como o que foi aplicado por Lévi-Strauss ao mito de Édipo, pela determinação das diferentes lições do mito e das correlações de uma tal versão do mito com tais outros mitos de uma época ou de um espaço cultural bem determinado (27).

Com este tipo de abordagem mitocrítica da obra conjugado com

o "momento mítico" da leitura e da situação do leitor presente, obtêm-se conclusões importantes quanto à constituição de um atlas delimitado dos mitemas e das situações míticas ou mitológicas e, também, quanto às estruturas profundas da obra e às relações dos gostos que podem existir entre tal momento da leitura e tal momento da escrita (ou primeira leitura). Surge, então, de uma forma nítida a conclusão que o número limitado de mitos possíveis — tal como os definem as mitologias das grandes civilizações (grega, latina, ameríndia, egípcia, hindu, africana, polinésia, sino-tibetana, uralo-altaica, etc.) — exige reinvestimentos míticos constantes e repetidos ao longo da história de uma cultura e explica os diferentes renascimentos ou recorrências tal como as mudanças pela "passagem ao limite". Apercebemo-nos igualmente que os gêneros literários e artísticos, os estilos, as modas, os idiossincrasmos respondem também a estes fenômenos de intensificação e resurgência mitológicas. Tudo se passa como se a leitura constituísse um sistema com três parâmetros:

1. a sincronicidade estrutural da narrativa tal como J. Campbell e Lévi-Strauss a preconizam;

2. a diacronicidade literária (o fio e os acontecimentos da "narrativa" e suas recorrências);

3. a "temporalidade" cronológica em que transparece uma captação de sincronicidade (C. G. Jung) entre a leitura do leitor e a do autor passado (28).

No centro do mito — como da mitocrítica — situa-se o mitema, isto é, a mais pequena unidade do discurso miticamente significativa. Este "átomo mítico" é de natureza estrutural (*arquétipo* segundo Jung, *esquemático* segundo Durand) e o seu conteúdo pode ser indiferentemente um motivo, um tema, um cenário mítico (G. Durand), um emblema, uma situação dramática (E. Souriau). Mas num mitema o dinamismo "verbal" domina a substantividade. "Um mitema pode manifestar-se, e agir semanticamente, de dois modos diferentes, de um modo patente e de um modo latente (como a psicanálise demonstrou, é possível uma dupla utilização do mitema estrutural segundo os recalcamientos, consumos, costumes ou ideologias existentes na época e num meio dado)" (29):

— de maneira patente pela repetição explícita do seu ou dos seus conteúdos (situação, personagem, emblemas, etc.) homólogos;

— de maneira latente pela repetição do seu esquema intencional implícito num fenómeno muito próximo das projecções estudadas por Freud no sonho.

Aplicando esta teoria à obra de Gide, G. Durand assinala como mitemas patentes aqueles que subscrevem o programa "sur des pensers nouveaux faisons des vers antiques" (mitema do bastardo, do "acto-gratuído", das imagens de jardinagem, etc.) e como mitemas latentes a repetição de um esquema formal mascarado por conteúdos distantes ("Sall) à la recherche des ânesses" reaparece na parábola da cabra perdida, na personagem e no drama de Cristóvão Colombo, de Édipo, etc.) A mitocrítica encontra-se, assim, em presença de dois conteúdos mitémicos de transformação possíveis de que pode resultar para a obra examinada uma diferença de estilo (30).

A redundância patente dos conteúdos mitémicos tende para o estereótipo identificador, para a "figuração" exagerada e para a denominação pelo nome próprio. A transformação faz-se então pela edulcoração da intenção moral ou dramática: os "versos antigos" mascaram então como clichés as formas novas. Baudelaire crê descrever o "Tirso", mas toda a intenção da sua descrição é do cadoceu ou, do mesmo modo, o Zaratustra de Nietzsche é facilmente denunciado por Jung como um falso Dioniso. O mitema patente, a imagem estereotipada e de superfície sobrevaloriza já então o descritivo em detrimento do sentido. O mito reduz-se a uma pura referência estereotipada inserida como epíteto na descrição da narrativa: trata-se de fenómenos de banalização e de sistematização familiares aos mitólogos (R. Alleau) (31).

Quando, pelo contrário, há redundância do esquema mitémico latente, a narrativa tende para o apólogo, para a parábase, como as *Fables* de La Fontaine, os *Contes* de Voltaire ou as *Sottises* de Gide. A transformação faz-se por uma espécie de infracção da intenção no detrimento do assinalar descritivo do nome próprio. É o que J. P. Vernant diz ao reprovar a análise freudiana do mito de Édipo: o Édipo verdadeiro não tinha complexo. O resultado é a separação da intenção significativa e do contexto. Acontece então a "usura" do mito.

A mitocrítica põe em evidência em cada autor, na obra de uma época e de um meio dados, os mitos directores e as suas transformações significativas. Ela permite mostrar como tal traço do carácter

pessoal do autor contribui para a transformação da mitologia ou, pelo contrário, acentua tal ou tal mito director. Ela tende a extrapolar o texto ou o documento estudado, a procurar para além da obra a situação biográfica do autor, mas também a adicionar as preocupações socio-histórico-culturais. A mitocrítica aponta, pois, para uma mitanálise que seja num momento cultural dado e num conjunto social dados o que a psicanálise é para a psiquê individual.

## 5. A MITANÁLISE

O vocábulo *mitanálise* foi forjado por Gilbert Durand sobre o modelo de psicanálise e "define um método de análise científica dos mitos com o fim de tirar deles não só o sentido psicológico (P. Diel, J. Hillman, Y. Durand) mas também o sentido sociológico (Cl. Lévi-Strauss, D. Zahan, G. Durand)" (32). A mitanálise vai mais longe que a psicanálise: enquanto que Jung, por exemplo, generaliza e uniformiza o arquétipo da *Aníma*, a mitanálise distingue diferentes tipos de anima segundo as tipologias da mitologia antiga: Vênus, Deméter, Juno, Diana... Esta mitanálise de tipo psicológico liga-se a uma acepção sociológica pois as personagens mitológicas são passíveis de uma análise socio-histórica (J. P. Vernant, M. Detienne) e os deuses e os heróis aparecem e desaparecem segundo um ritmo que escande os momentos da história socio-cultural.

| STRUCTURES GÉNÉRALES | LA PUISSANCE DE L'INFIME  |  | LE MÉDIATEUR  |  |                  |   | LE PSYCHOLOGUE                                       |  |   |   |
|----------------------|---|--|---|--|------------------|---|--|--|---|---|
|                      | Qualités  | <i>Puer aeternus</i>                                     | <i>L'agile</i>  | <i>L'intermédiaire</i>   | <i>L'échange</i> | <i>Le vol</i>   | <i>L'harmonie</i>                                    | <i>Le guide</i>  | <i>L'initiateur</i>                           | <i>Le civilisateur</i>  |
|                      | 2. Enfant prodigieux (voleur, inventeur)                            |  | 1. Bâtard de Zeus et d'une mortelle                                       |  |                  | 1 bis. Petit-neveu de Prométhée   |  |  |   |   |
|                      | 4. Enfant invente la lyre   |  |   | 5. Troc de la lyre contre troupeaux d'Apollon  |                  | 3. Vol des troupeaux d'Apollon  |  |  |   |   |
|                      | 6. Invente le syrinx  |  |   | 9. Troc du syrinx contre houlette d'or d'Apollon   |                  |   | 7-8. Invente lyre d'Apollon                          |  |   | 7 bis, 8 bis, 9 bis, 10 bis. Apporte le syrinx, la lyre, le commerce, le troc |
|                      |   | 11. Délivre astucieusement Arès du Chaudron des Alouades | 12. Intermédiaire de Zeus dans la délivrance de la transformée en génisse |  |                  | 13. Vol des tendons de Zeus détenus par Typhon                                    | 10. Invente le syrinx                                |  |   |   |
|                      |   | 14. Rattache les tendons de Zeus                         |   |  |                  |   |  |  |   |   |
|                      | 15. Aide et cache Dionysos enfant, bâtard de Zeus et d'une mortelle | 15.  | 15.   |  |                  |   |  |  |   |   |
|                      |   |  | 16. Entremetteur de Zeus auprès d'Alcmène, mère d'Héraclès                |  |                  |   |  |  |   | 17. Don de l'épée qui tuera l'Hydre de Lerne                                  |
|                      |   |  | 20. Intermédiaire de Zeus dans le don du Bélier à Toison d'or             |  |                  |   |  | 19. Initiateur de l'aventure de Persée                               |   | 18. Don du casque qui rend Persée invincible                                  |
|                      |   |  | 24. Intermédiaire de Zeus auprès des 3 déesses et de Paris                |  |                  | 22. Père du voleur Antélikos (le grand-père d'Ulysse et l'instructeur d'Héraclès) |  | 21. Initiateur de l'entreprise des Argonautes (père de 2 Argonautes) |   | 21 bis. Don de ce qui sera la Toison d'or                                     |
|                      |   | 28. Aide Ulysse à échapper à Calypso et à Circé          |   |  |                  |   | 23. Auprès d'Héraclès lors de la descente aux enfers |  | 25. Initiateur indirect de la guerre de Troie |   |
|                      |   | 30 bis. Le Nychios, père de la ruse                      |   | 29. Père d'Hermaphrodite, synthèse et harmonie des 2 natures (liaison avec culte Cabirique à Thèbes et Samothrace). Père des Lares, divinités des Carrefours |                  |   | 26. Guide de Priam (Iliade XIV)                      |  |   | 27. Don de la plante « moly » à Ulysse  |
|                      |   |  |   |  |                  |   | 30. Guide Oreste de Delphes à Athènes                |  |   |   |

FIG. 1: O mito clássico de Hermes  
(*Science de l'homme et Tradition*,  
pp. 148-149)

"A mitanálise sociológica (G. Durand) inspirada simultaneamente nos trabalhos do estruturalismo de Lévi-Strauss, mas também — visto que as entidades psicológicas são "poderes", são forças e não só formas — de todas as pesquisas temáticas ou das análises semânticas de conteúdos, tenta atingir os grandes mitos directores dos momentos históricos e os tipos de grupos e de relações sociais. Ela é de facto uma mitanálise visto que muitas vezes as instâncias míticas estão latentes e difusas numa sociedade, e, mesmo quando elas estão "patentes", a escolha de tal ou tal mito explícito escapa à consciência clara mesmo colectiva. Uma e outra abordagem não diferem senão pelo seu campo de aplicação prático" (33).

O método de análise toma como ponto de partida um "mito ideal", constituído pela síntese de todas as lições mitémicas reunidas sob uma denominação própria (tal como aparece, por exemplo, nos de Roscher ou de P. Grimal) e procura integrar essa forma ideal de mito num quadro com dupla entrada, em que horizontalmente se coloca numa ordem de sucessão numerada as sequências/mitemas do mito considerado (1,2,3,4...) e, verticalmente, essas sequências são ordenadas em colunas definidas cada uma pelo seu conteúdo semântico homólogo (I, II, III; IV...), como se exemplifica na figura 1. Esta ficha é referida para cada uma das repetições do mesmo mito e a série é ordenada cronologicamente. Obtêm-se fichas das do tipo da figura 2.

| I | II | III | IV | V |
|---|----|-----|----|---|
|   |    |     |    |   |
|   |    |     |    |   |
|   |    |     |    |   |
|   |    |     |    |   |

| I | II | III | IV | V |
|---|----|-----|----|---|
|   |    |     |    |   |
|   |    |     |    |   |
|   |    |     |    |   |
|   |    |     |    |   |

Figura 2

A comparação das fichas — verifica-se a obtenção de colunas pouco preenchidas — pode fornecer indicações sobre a flutuação his-

tórica do mito. Um grupo de mitemas não constante em mais de 40% da série cronológica das lições é uma "derivação" com explicação própria (interpolação ou recuperação). Se, pelo contrário, um conjunto síncrono de mitemas aparece com uma frequência elevada (80% a 100%), deve-se procurar os motivos e correlações históricas dessa frequência. Obtem-se um quadro com a frequência da ou das ondas dos conjuntos considerados em que se inscreve horizontalmente o fio cronológico e verticalmente as frequências (figura 3).

|   | 1763 | 1780 | 1800 | 1805 | 1809 | 1814 | 1820 |
|---|------|------|------|------|------|------|------|
| 8 |      |      |      |      |      |      |      |
| 7 |      |      |      |      |      |      |      |
| 6 |      |      |      |      |      |      |      |
| 5 |      |      |      |      |      |      |      |
| 4 |      |      |      |      |      |      |      |
| 3 |      |      |      |      |      |      |      |
| 2 |      |      |      |      |      |      |      |
| 1 |      |      |      |      |      |      |      |

Figura 3

Com estas três operações obtém-se:

a) a colecção dos mitemas "nucleares" constitutivos de um mito e cujo desaparecimento significa a transformação e, no limite, o esgotamento de um mito;

b) a cronologia dessas transformações e através dela o incitamento para procurar correlações na cultura e as mudanças sociais.

Comparando as análises de mitos completos numa cronologia comum, põe-se em evidência as sobreposições, as substituições, as "com-pensações" de um mito por outro (figura 4).

(Ver quadro da página seguinte →)

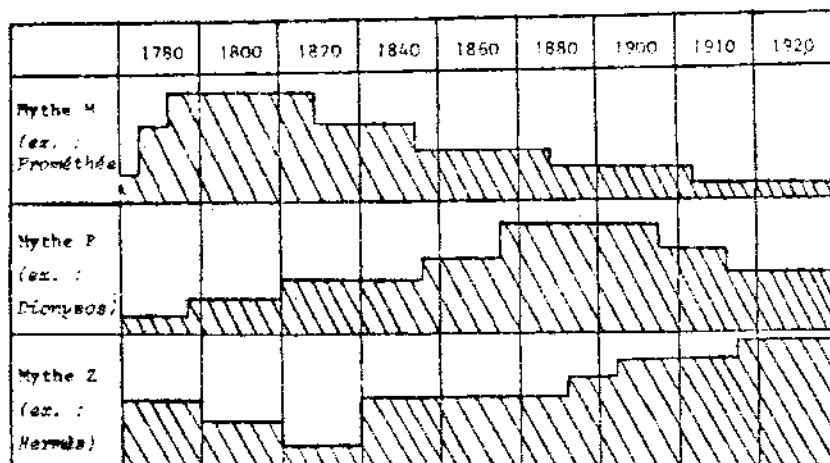


Figura 4

Podem-se sobrepor os quadros obtidos, visualizando curvas comparativas (figura 5). Como se comprova na fig. 5, é improvável que numa dada época haja um único mito dominante; é natural constatar-se a existência de um sistema de mitos "compensados" de dois ou vários mitos.

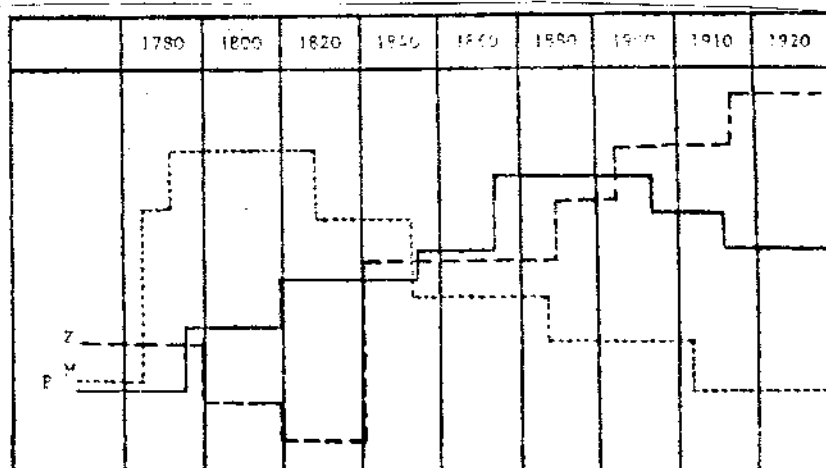


Figura 5

Observa-se nesta análise, como na mitocrítica, que são possíveis dois processos de transformação: um induzido pelo mitema patente e outro pelo mitema latente. Dotando cada mitema de um emblema substantivo ou de uma intenção "prática" ou "dramática" (verbal), geralmente mais latente, introduz-se um novo parâmetro no *consensus* mitêmico. Para o mito de Hermes obteríamos um quadro como o da figura 6:



| I  | II  | III   |
|--|---|---|
| <i>Patent</i> : l'enfant de<br>vin, le Nychios                             | <i>Patent</i> : Le caducée,<br>paternité<br>d'Herma-<br>phrodite. | <i>Patent</i> : Compagnon<br>d'Heraklès, de Pégasos |
| <i>Latent</i> :<br>« On a souvent<br>besoin d'un plus<br>petit que soit. » | <i>Latent</i> :<br>Les contraires se<br>lient                     | <i>Latent</i> :<br>Conduire hors des<br>limites.    |

Figura 6

Reproduzindo esta "dicotomia diagonal" em todos os quadros de análise, obtém-se um quadro final em que se pode pôr em evidência as modalidades de transformação ("usura" ou "ressurgência") de um mito, quer por inflação do "latente" quer pela inflação do "patente". O ficheiro **exaustivo** de um mito permite não só ver a "usura", o desaparecimento ou a ressurgência, mas também a sua transformação, a sua "derivação" segundo o modo como tal ou tal época privilegia tal grupo de mitemas. (figura 7)

|   | I   | II  | III | IV  | V   | VI  |
|---|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| 1 | /// |     | /// | /// | /// | /// |
| 2 |     | /// | /// |     | /// | /// |
| 3 | /// | /// |     |     | /// | /// |
| 4 | /// |     | /// |     |     | /// |
| 5 |     | /// |     | /// |     | /// |

Figura 7

## 6. A MITODOLOGIA E O FUTURO

Falar do futuro é falar da mitodologia, nível explicativo de finido mas ainda incompletamente concretizado. G. Durand falou da mitodologia em *L'Âme Tigrée* e falou dela em Lisboa, na Faculdade de Letras e no *Diário de Notícias*: "A mitodologia é uma filosofia do social que levanta o problema da evolução do espírito humano. Uma vez

que o mito funciona ao nível das literaturas e das sociedades, poderemos falar de método — jogo com as palavras —, palavra com grande peso cultural em correntes universitárias? E não se poderá pensar numa tentativa de "mítodo", ou seja, de mito de base? Entendo, por isso, que todos os esforços científicos mitodológicos serão, por sua vez, incluídos numa forma de mito (...). Daí, se se quiser, a mitodologia é a realidade última, a última grande explicação que está para além da "epistémē", como diz Foucault, para além das epistemologias, mesmo das mais comprometidas na técnica." (34).

Falar no futuro é também, esperamos, aguardar uma profícua e constante colaboração e orientação de Gilbert Durand em relação aos interesses culturais portugueses. O magistério de G. Durand indicará o caminho; o intercâmbio de experiências e a actividade interessada darão, decerto, os seus frutos.

Lisboa, Abril de 1980.

Victor João Vieira Jabouille

## NOTAS

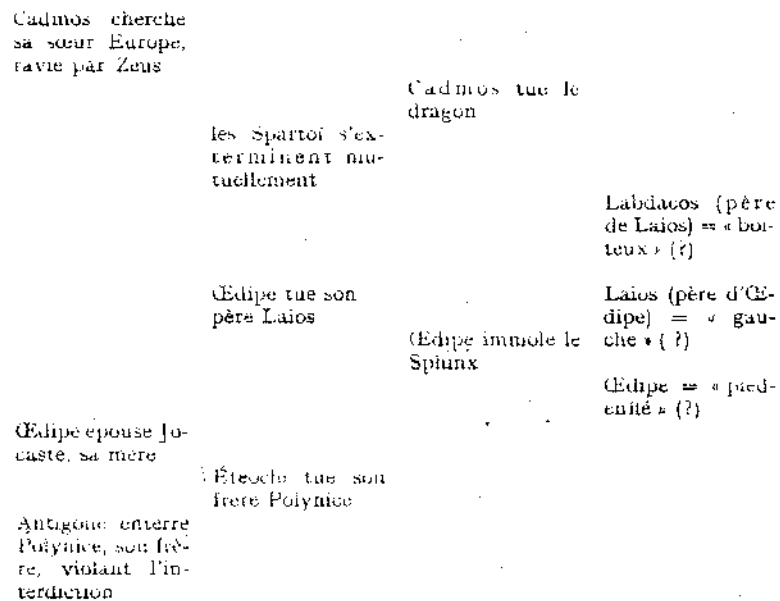
1. Nascido em Chambéry — a capital histórica da Sabóia —, em 1 de Maio de 1921, Gilbert Durand, depois dos estudos secundários, licenciou-se em Filosofia. A guerra, como a muitos outros intelectuais contemporâneos, marcou profundamente o seu carácter. Aderiu à Resistência logo em 1940 e foi oficial das F.F.C. e, após a sua fundação, das F.F.I. Jovem comandante, a sua actividade valeu-lhe, entre outras condecorações, o Oficialato da Legião de Honra (Résistance), a Cruz de Guerra com Palma, a Medalha da Resistência Francesa (Rosette) e a Medalha dos Deportados e Internados Resistentes. Agregado de Filosofia (1947), ensinou durante dez anos as classes terminais do liceu. Em 1959, obteve o seu "Doctorat ès Lettres" e é, desde 1962, Professor Titular de Sociologia e Antropologia Cultural na Universidade de Grenoble II.
2. Já o malogrado João Mendes a ela se referiu com entusiasmo no nº 81 (1961) da revista *Brotéria*: "As estruturas antropológicas do imaginário", pp. 255 e ss.
3. *A Imaginação Simbólica*, Lisboa, Arcádia, 1980.
4. Pp. 141-216.
5. Palavras proferidas por G. Durand em entrevista ao *Diário de Notícias* nº 40 931, publicado em 20/11/81, p. 7.
6. *Ibidem*.
7. Paris, Berg International, 1980.
8. Respectivamente nos dias 9 e 10, 10 e 11 de Fevereiro.
9. *Structures Anthropologiques de L'Imaginaire*, Paris, Bordas, 1980, p. 11.

10. *Idem*, p. 66.
11. Cf. *Le décor mythique de la Chartreuse de Parme*, Paris, Corti, 1971 pp. 133.
12. *Structures Anthropologiques de L'Imaginaire*, p. 59.
13. *Idem*, pp. 207 e ss.
14. *Idem*, pp. 307 e ss.
15. *Idem*, pp. 399 e ss.
16. *Idem*, p. 66.
17. *Idem*, pp. 494-495.
18. "De l'homme de culture à l'homme de désir", in *Galaxie de l'Imaginaire*, p. 103.
19. *Diário de Notícias*, l.c.
20. *Figures mythiques et visages de l'oeuvre*, Paris, Berg International, 1979, p. 34.
21. *Diário de Notícias*, l.c.
22. *Ibidem*.
23. A apresentação que a seguir se vai fazer da mitocrítica e da mitanálise segue de perto a conclusão de *Figures mythiques et visages de l'oeuvre*: "Méthodologie, mythocritique et mythanalyse", pp.307-322.
24. *Figures mythiques*, p. 308.

25. *Ibidem*.

26. *Idem*, p. 309.

27. Reproduz-se abaixo o quadro de disposição dos mitemas do mito de Édipo segundo Lévi-Strauss, *Anthropologie Structurale I*, Paris, Plon, 1974, p. 236.



28. *Figures mythiques*, p. 310.

29. *Ibidem*.

30. *Idem*, p. 311.

31. Cf. *De la nature des symboles*, Paris, Flammarion, 1958, e, sobretudo, o mais recente título *La Science des Symboles*, Paris, Payot 1977.

32. *Figures mythiques*, p. 313.

33. *Idem*, pp. 315-316.

G I L B E R T     D U R A N D

Breve apresentação:

- Professor Titular de Sociologia e Antropologia Cultural na Universidade de Grenoble II.
- Criador e primeiro Director do Ensino Superior das Letras e Ciências Humanas na Sabóia (1947-1970).
- Fundador e Director do Centre de Recherche sur l'Imaginaire (C.R.I.) que funciona na Universidade da Sabóia (Chambéry).
- Director do D.E.A. "Études de l'Imaginaire" na Universidade de Grenoble III.
- Membro do Comité consultivo das Universidades (7ª secção).
- Vice-Presidente do "Conseil Français de la Recherche et des Études sur la Communication et l'Information".
- Membro do Conselho do "Centre National de Recherche Scientifique" (C.N.R.S.).
- Missões culturais no Japão e na Coreia.
- Vice-Presidente da Universidade de S. João de Jerusalém.
- Co-Fundador dos *Cahiers Internationaux du Symbolisme* (Mons).
- Membro do Comité Internacional de Consulta da *Revista Internazionale di Architettura "Psicon"* (Florença).
- Membro do Comité de Redacção dos *Cahiers de l'Hermétisme* (Albin Michel).
- Membro do Comité Científico da *Revue Française de Communication* (Paris).
- Membro do Conselho Consultivo do Círculo Eranos (*Eranos Jahrbuch*), no qual colabora activamente desde 1964 (Ascona).

Principais publicações:

- *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire. Introduction à l'archétypologie générale* (1960), Paris, Bordas, 1979, (6ª edição).

- *Le décor mythique de la Chartreuse de Parme. Les structures figuratives du roman stendhalien* (1961), Paris, José Corti, 1971, (2<sup>a</sup> ed.).
- *L'Imagination symbolique* (1964), Paris, P.U.F., 1976 (3<sup>a</sup> ed.).
- *Les Grands Textes de la Sociologie Moderne* (1969), Paris, Bordas, 1971 (1971 (2<sup>a</sup> ed.)).
- *Science de l'Homme et Tradition, Le nouvel esprit anthropologique*, (1975), Paris, Berg International, 1980 (2<sup>a</sup> ed.).
- *Figures mythiques et visages de l'oeuvre. De la mythocritique à la mythanalyse*, Paris, Berg International, 1980.
- *L'Âme Tigree. De quelques pluriels de Psyché*, Paris, Denoël—Gonthier, 1980.

Em colaboração:

- *Les Sciences de la Folie* (dir. Roger Bastide), Paris, Mouton, 1972
- *Le Symbole* (dir. Jacques Ménéard), Estrasburgo, Université des Sciences Humaines, 1973.
- *Problèmes du Mythe et de son interprétation* (dir. Jean Hani), Paris, Les Belles Lettres, 1973.

Em preparação:

- *Sociologie des Profondeurs.*
- *Théologie du Cordonnier.*
- *Theophania occidentalis. Une religion pour l'Europe.*
- *Mythodologie.*
- *As Conferências de Lisboa / Les Conférences de Lisboa.*

A esta bibliografia deve-se acrescentar numerosas conferências, participação em Congressos e Seminários internacionais e artigos em várias revistas: *Les Cahiers Internationaux du Symbolisme*, *Eranos Jahrbuch*, *Les Cahiers de l'Université de Saint Jean de Jérusalem*, *Esprit*, *L'Herne*, *Spring*, *Circé*, etc. Algumas das suas publicações (que atingem um total de cerca de 100 títulos) encontram-se traduzidas em inglês, italiano, espanhol, romeno, japonês e português (*A Imaginação simbólica*, Lisboa, Arcádia, 1980).

